TEMA 1: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO E SITUAÇÃO ATUAL DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL

O Pará e a educação de adultos

José Cardoso da Cunha Coimbra[1]

Nenhum problema se nos apresenta mais palpitante, grandioso e de maior interesse, embora tenhamos de reconhecê-lo profundo, extenso e complexo, como este em que estão empenhados os mais destacados e eminentes brasileiros, todos ligados a Pátria por vínculos indissolúveis de imenso amor ao berço e de parcelas não menos elevadas de responsabilidade pela grandeza e prosperidade: o da educação de adultos.

Quando o Brasil inteiro é, nesta hora, conclamado pelos seus bravos governantes para o estudo e debates em torno desse grave problema de base que empolga os mais civilizados povos do mundo atual, e sobre o qual repousam os alicerces mais fortes da nacionalidade e só poderia o Estado do Pará deixar de participar desses estudos e debates ainda que com mínima e modesta parcela.

Destarte, atendendo ao honroso convite que nos fez a alta direção do Departamento Nacional do Ensino do Ministério da Educação, para participarmos do II memorável Congresso promovido pela Campanha de Alfabetização de Adultos na Capital do país, oferecemos neste despretensioso trabalho algumas impressões colhidas nestes dois anos em que dirigimos a Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Pará, e que se relacionam ao magna problema, ora despertando o mais vivo entusiasmo da nação, já que a vida dos grandes povos gira em torno principalmente da educação. Educação cujo conceito deve ser identificado com o conceito mais restrito de instrução.

Não mais se ignora, que as ideias evolucionistas criaram e divulgaram a noção de que todas as reações que se passam nos indivíduos e que firmam as determinantes dos seus caracteres originaram-se e fazem parte integrante da sua educação.

Daí porque, comentando esta concepção, vemos quanto é demasiadamente vasta e larga, uma vez que, comumente, a interpretação mais aceitável é que "educação é o conjunto dos processos intencionalmente aplicados por uma dada sociedade ou grupo para realizar nos indivíduos, ideais aprovados por essa sociedade e grupo, enquanto a palavra "instrução" designa os meios e métodos adotados para dar ao indivíduo certas aptidões, em geral, de caráter intelectual.

Educar e instruir é, em verdade, o tema que se agita em grande vibração, de sul ao norte, de leste ao oeste deste grande país.

Não importa as definições, senão o que esse binômio representa e simboliza para os destinos do Brasil, embora duas sejam as fases mais ou menos diversas: uma, o desenvolvimento físico e psíquico do indivíduo com referência às atividades desse indivíduo consideradas em si; outra, o processo que tem por fim ajustar as atividades do indivíduo ao ambiente social, quero dizer, aos ideais e práticas consuetudinárias dos seus companheiros.

---

[1] Secretário de Estado de Educação e Cultura do Pará.

E se considerarmos o ponto de vista puramente educativo estas fases não se apartam, antes se completam. Sem embargo, se firmarmos o ponto objetivo e a concepção, elas são perfeitamente diferentes e por vezes se encontram em absoluto conflito.

Seria interessante, não fora o objetivo e a finalidade específica deste trabalho, pudéssemos perlustrar considerações sobre o tema, na realidade avassalador, para que avaliássemos devidamente o seu valor e as suas generalidades, penetrando de início nos idos da civilização grega, quando os precursores dessa era histórica e famosa foram os iniciadores do desenvolvimento da educação sob a fórmula teórica e prática de que ela se apoiaria nos princípios filosóficos de preferência aos advindos de crenças e cerimônias eclesiásticas, visando com educação primitiva, tanto em Esparta como em Atenas, uma preparação para o serviço da cidade, não só militar, mas político e religioso.

As histórias da educação é uma esplêndida sucessão de fatos, de teorias e de modalidades que vem desde o século V, A.C., oferecendo lições e exemplos que valem pela estratificação de correntes variadas e de extremo saber filosófico. Dessa sucessão se destacam vultos inesquecíveis que deram à humanidade as magníficas épocas em que se dividiam, mas brilhantes e outras, ainda dignas da própria evolução que sofreu.

Não se enquadra nos moldes deste trabalho o desfile das variadas épocas dessa evolução.

O nosso objetivo, nesta rápida digressão, visou apenas chegar à conclusão de que a educação, qualquer que seja o seu nível, o sentido ou a interpretação que lhe quiserem oferecer, devem indiscutivelmente os povos e a humanidade enfim, ontem, hoje, amanhã e sempre, todas as glórias alcançadas, todas as vitórias espirituais e materiais através aqueles que a ela se consagram de corpo e alma, certos estão de que no aprimoramento do espírito e no cultivo das letras poderão construir um mundo maravilhoso de grandezas eternas e de nobres esperanças para os seus semelhantes.

*****

O Pará, sentinela indômita do Norte, é um centro notável de cultura, no qual se destaca o problema educacional. Trecho notável da área legal da Amazônia vale conhecê-lo. Para traçar o perfil exato deste grande Estado da federação basta transcrever um trecho de um trabalho meu publicado em novembro de 1933, no "Diário do Estado", notável periódico paraense àquela (época) data, e sob o título "O Pará" e a profecia de Ruy" na qual focaliza, a terra e o homem, o que ainda hoje os define, perfeitamente. "O grande Ruy, glória e imortalidade que enche o berço pátrio daquele justificado orgulho que o seu gênio legou à posteridade, como herança que honra não só o Brasil, mas todas as nacionalidades, num dos arroubos em que a sua sinceridade tão espontânea se casava aos lampejos de sua inteligência esclarecida, referindo-se aos extraordinários dons com que foi brindado pela natureza o Estado do Pará, disse:- "Ainda quando a nossa Pátria não contasse mais de uma região como a do Pará, esta só nos bastaria para nos desvanecermos da nossa riqueza e apresentá-la com orgulho aos que nô-la desconhecem.

Entre outros irmãos, semelhantemente extraordinários, cuja rivalidade o homem, a importância da sua grandeza não diminui, nem o brilho da sua opulência empalidece. Nesta competência gloriosa, os filhos daquele torrão privilegiado saberão com certeza medir-se, pelas suas qualidades fortes da inteligência e do caráter com os favores da natureza e da

fortuna, assegurando a essa maravilhosa província brasileira a distinção que lhe cabe entre seus pares, na primeira linha das garantias sobre que deve assentar o futuro do Brasil".

Sente-se no acerto destas frases o grandioso porvir que elas encerram; prognóstico feliz de quem no ardor de seus idealismos, na flama ardente de seu imenso patriotismo, vibrava na certeza de que os seus sonhos teriam um dia, o colorido da realidade que emoldura o tempo que passa!

Mais do que entusiasmo, o conhecimento profundo das nossas coisas e das nossas possibilidades, permitiu que o mestre antevisse um futuro admirável para esta misteriosa faixa do Novo Mundo, que as profecias de Humboldt, Wallace, Agassiz, Smith e muitos outros, reservaram para vir a ser um "centro de civilização e o celeiro do mundo".

Região que oferece aos estudiosos os mais extraordinários aspectos, revela-se empolgante pelas suas múltiplas vantagens no espírito ávido de progresso, ativo e empreendedor.

É a sua própria natureza que se encarrega de desenvolver a zona por si próprio, como uma energia indomável, escreveu Matoso; e as suas sementeiras crescem, por assim dizer, espontaneamente, com uma regularidade constante.

Nem o descuido, nem a imprevidências ou indolência dos homens, diz ainda o mesmo escritor, impedirão nunca este distrito de produzir colheitas grandes e esplêndidas.

Não há exagero no que nos assevera a literatura sobre este pedaço de terra que, certamente se constitui indescritível e uma das mais ricas regiões do globo!

Quem quer que, nativo ou estranho, aqui venha trate de seu desenvolvimento em qualquer dos seus aspectos, comercial, industrial, social ou cultural, perceberá que estes problemas até certo ponto complexos, deixam algo de cativante para o espírito sincero e observador.

Longe se vão os tempos em que os europeus consideravam o Pará como uma vastíssima zona virgem e inexplorada das Américas, onde a lenda criava vultos fantásticos, alimentado pela ignorância de muitos e pelos sonhos febricitantes de conquistas de outros.

Hoje, malgrado a transmutação de todos os valores nos dias quase apocalípticos que correm, o Pará é uma expressão evidente de grandezas associadas.

No ritmo dessas grandezas, ressalta o trabalho organizado do homem que acompanha os estes de palpitação universal.

Embora etnógrafos afirmem que no Brasil a obra do caldeamento e fusão das raças não está inteiramente realizada, pois que subsistem ainda na população, muitos elementos puros dos tipos étnicos fundamentais, muito embora estes elementos tenham que fatalmente fundir-se, entrando no "melting-pot", teremos que considerar este fator como elemento de progresso da nossa região, onde as zonas periféricas do alto sertão em contato com a civilização, vão enviando de suas tribos selvagens elementos aborígenes puros, principalmente no Pará e Amazonas, onde quase sempre esses elementos colaboram nas indústrias extrativas.

Contanto, como se vê, com a infiltração de elementos de origem ameríndia, do Afex, e de outros que levaram os paraenses a ser considerados como mais próximos ao grupo dos "pacifico-americanos", segundo respeitáveis estudos de Aben-Atar, não deixa de salientar que ao valor das etnias está ligado o desenvolvimento de um povo.

Sobre este aspecto, impossibilitado de chegar a um resultado concludente e fecundo sobre o "nosso meio", deixemos a questão entregue aos antropologistas como Dixon,

Bunak, Stlywho, Papillault, Otttenberg, Bernstein e Virchoff, do estrangeiro; e Estácio Lima, Otávio Torres, Abelardo Duarte, Fávero, Jayme Aben-Athar, Montenegro e Lefèvre, sábios do assunto no Brasil, o problema da diferenciação étnica em que tem colaborado durante quatro séculos, o português, o índio e o africano, não esquecendo o clima, o meio propriamente dito, que já sabemos exuberante e inspirador, e ainda, as numerosas correntes estrangeiras.

Deste imenso mestiçamento físico e moral, no dizer de Sílvio Romero, desta fusão de sangues e de almas, que se não deu em parte alguma da América, tão intensamente, e que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e sairá o de amanhã, com o seu pensamento próprio, o seu medo, o seu ideal, a sua estética e a sua literatura.

Nada é, pois, necessário para dar-se uma noção de nossa cultura, do que considerar em primeiro lugar, - o homem.

Definido e caracterizado do português cuja língua fala na América o brasileiro do Norte, muito diverso do seu irmão do Sul, pois que este é considerado segundo Montenegro e Lefèvre, ao tipo "intermediário" representa una parcela notável no problema de nossa formação, com características biotipológicas bem diversas das apresentadas pelos intencionais iconoclastas, apoiados em falsas teorias antropogeográficas.

Herança de seus ancestrais, ele tem como a natureza, qualidades admiráveis. É inteligente, ativo, trabalhador, generoso, hospitaleiro e, sobretudo muito amante de sua Pátria.

O pensamento afetivo plasma a alma do adolescente e num atavismo que se repete indefinidamente, esse mesmo sentimento se transmite por gerações afora.

Eterno enamorado das belezas dos trópicos, ele se envaidece em contemplar as cerradas florestas, onde pela vegetação inenarrável há veles árvores seculares e fidalgas, copadas e serenas, fustigadas pelo sol abrasador, numa abnegação heróica e silenciosa; palmeiras senhoris, elevadas entre o rastejar sinuoso e o serpear rasteiro dos arbustos que rodeiam; radículas, insatisfeitas e desenfreadas, coleando nos tapetes de folhas mortas; galhos reverdecentes de erva atrevida e aventureira, entrecortadas de perfumada floração; ramadas sombrias negando a luz aos rebentos que conseguem medrar com esforço ingente, mercê da terra carinhosa que lhes nutre o ventre.

Se pensássemos com Musset, que sonhou fosse sua tumba ensombrada por um chorão; como Washington que proferiu os olmeiros, ou como Haine que pediu a palmeira para vigilante do seu eterno sono, que imensa variedade teríamos na nossa flora par escolher na planta predileta o marco de nossa última morada! ...

Bucólico, tem fixado na retina a beleza dos campos verdejantes da planície, onde o sol inclemente combura os esqueletos das cantigas, em cuja sombra se abriga a rês sequiosa a o vaqueiro arfante!

E o grande Rio-Mar, caudaloso e formidável, guardando nas entranhas o misterioso festim das águas! ...

E quanto mais da nossa flora e da nossa fauna variegada a encher de pasmo quantos delas se aproximam!...

Todas vós, certamente conheceis as famosas riquezas do nosso Estado e a grande alma do seu povo.

Aqui, como no país inteiro, as suas belezas excepcionais, levaram a admiração espíritos pessimistas como Nóbrega, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim e outros, chegando

o próprio Anchieta, que aqui viveu a sua existência inteira, a contá-las, apontando o Brasil: "como um jardim de frescura e bosques onde não se vê em todo o ano árvores e nem erva seca".

Terra encantadora, eu me ufano das tuas grandezas!

Não basta, entretanto, a prodigalidade da natureza de uma região, nem as virtudes que ornam a heráldica do sentimento dos habitantes dela para conferirmos a esse conjunto o valor político e social elevado, necessário aos povos que desejam figurar como elementos de valor no conceito da civilização mundial.

Às gerações cumpre o sagrado dever de marcar o trabalho incessante do aperfeiçoamento. Porfiando na exatidão, na sinceridade e na simplicidade da escola de Pitágoras, cujas lições constituem o modelo ideal a propor a todos aqueles que desejam ardentemente possuir uma alma de ouro num corpo de ferro e que aspiram na ânsia da verdade, aproximar de si o reino da sabedoria e da ventura, o mundo receberá sempre a revelação da melhor obra da humanidade.

Dessas gerações e dessas obras nascem os grandes destinos, a segurança e a perpetuidade dos nobres empreendimentos dos povos.

Anos passados, rolados os tempos, o que fica é apenas a maravilhosa lembrança dos bons ou maus efeitos.

É precisamente este objetivo que nos cumpre apreciar o problema da nossa formação cultural, em que a Pátria - por todas as suas partículas - se eleva pelo trabalho dos seus filhos aos esplendores da mais alta civilização.

Se orgulhecidos do seu valor, convictos de seu ideal, souberem marcar na ampulheta do tempo, o respeito dos que envelhecem com dignidade na comunhão disciplinada e imperecível!

Considerando estes fatores, não se pode contestar, de boa índole, que o Estado do Pará, vive na hora presente, a sua florescência magnifica.

Que belos e sazonados frutos hão de colher aqueles que, compenetrados do espírito de disciplina, de utilidade que constitui o dever de todos nós, reunidos na luta, conjugados em força coletiva, precisamos ser como "a hera que revigora as ruínas ou a restinga que remansa o mar desatinado!...

Animado de tal confiança no atletismo espiritual que alcança e vende resolutamente, sem tréguas, eu me sinto feliz em verificar com intenso júbilo, que o nosso Estado, pelos braços dos seus filhos inscreveu-se na "vanguarda das garantias sobre que deve assentar o futuro do Brasil".

Inscreveu-se gloriosamente, para deixar aos pósteros o perfume delicado do exemplo, e realizando integralmente as previsões de Ruy, que sentiu o erro grosseiro de quem teria afirmado que na Amazônia tudo era grande, menos o homem.

Quem quer que sinceramente se detenha, humilde ou de estirpe, glorioso ou anônimo, sereno de consciência a examinar os fatos de nossa movimentada história política, com minúcias de pesquisador, há de sentir num frêmito de entusiasmo inaudito ante as páginas magníficas que o Destino - também pródigo como a natureza - reservou ao Pará, como prêmio de honra aos seus filhos que guardam e veneram o culto pelos seus maiores, verdadeiros construtores da grandeza desta privilegiada faixa de terra brasileira.

Intensos e árduos trabalhos realizados pelos pioneiros dessa grandeza através de diferentes períodos de sua larga vida republicana e que encerram, alguns deles, magníficos

capítulos de invulgar patriotismo, sacrifício e abnegação e de autênticas cruzadas, que deram ao Pará a justa projeção que hoje ostenta e desfruta entre os demais Estados, proporcionando aos seus filhos e aos que nele vivem, os efeitos salutares que oferecem à vida orgânica, os raios solares.

Não emudeçam os retóricos para esta obra de Fé, que fortalece o idealismo daqueles que velam pela integridade do seu torrão Natal. Não somente da Fé, mas igualmente, intrépida e fecunda, audaz e brilhante, realizada pelo amazônida que, vencendo os abismos e mistérios da natureza opulenta e bárbara, e as condições peculiares e excepcionais do meio, tornou-se ele mesmo, a um tempo, o mártir e herói, para transformar-se afinal, em última análise, em triunfador, eis que construiu na planície verdejante e fértil da bacia amazônica a sua própria civilização que, por estranho que pareça, foi cognominada de "um mundo à parte" na expressão feliz de Carlos Estevam, o naturalista patrício, e de qual tanto nos orgulhamos, paraenses e brasileiros.

Foi, talvez, com o pensamento voltado para a bravura indômita dos paraenses, cuja vida parece viver em eterna simbiose com a natureza que o grande pensador patrício criou o "homem seara", nestas palavras de fino lavor e profunda significação: "a seara é símbolo do benefício, Primeiro é a ascensão; nasce o sulco que é treva para a espiga que é ouro. Depois é um sacrifício: a ceifa chega-lhe o viço, o moinho tritura-lhe a alma. É o martírio do desprendimento sagrado da beatitude dos que deixam de ter fome. E este homem-seara surge, reverdece, oureja e mesmo que lhe cortem e lhe esmaguem, faz do seu heroísmo alento dos que o fraqueiam".

"... e os filhos daquele torrão privilegiado saberão certamente medir-se pelas qualidades da inteligência e do caráter, com os favores da natureza"...

Ruy - jurista, Ruy - mestre, Ruy- profeta!

*****

O Pará é um centro de cultura a considerar, onde a educação vive e se desenvolve progressivamente. É mesmo, pode-se afirmar, um grande centro de educação e cultura.

Em nenhum outro setor da vida do Estado, se verifica nível a que chegou o educacional, que cresce cada dia que se passa, não somente sob o ponto de vista oficial, como, também, o particular.

Pode-se mesmo afirmar, sem incidir em erro, que a educação no Pará, é a preocupação principal do Governo, em cujo programa ocupa o primeiro (lugar) plano de suas atividades.

Para definir e melhor caracterizar o grau de elevado apreço que dispensa o atual Governo Paraense a esse problema de base, basta assinalar que o Chefe do Executivo, o Sr. General Magalhães Barata desde seus dois governos anteriores sempre se conduziu como um pioneiro e um permanente apaixonado pela causa da educação em nossa terra - consignou anualmente nos orçamentos do Estado nestes dois anos de sua terceira administração cerca de 200 milhões de somente destinados aos serviços do magistério, quando nesse orçamento, a receita geral pouco ultrapassa a casa dos quinhentos milhões.

Vale salientar, que essa quantia se destina ao pagamento exclusivo de vencimentos, eis que para obras de conservação, recuperação e construção de novos estabelecimentos de ensino a seu cargo muitos outros milhões são despendidos, através de verbas próprias e outras da Secretaria de Obras.

Nestas condições, já que me propus a retratar de um modo geral o panorama do ensino oficial a cargo do Estado do Pará, nada é mais digno de aplausos do que este propósito em que, pela manutenção e disseminação de escolas, de todos os níveis vai o atual governo paraense colaborando pela conquista de um nível mais elevado para a cultura brasileira, sem o qual nada poderemos conquistar.

Os números falam com mais eloquência do que as palavras, expressando com fidelidade o exato quadro que desejamos conhecer, sob a responsabilidade do Governo do Estado; Vejamos:

Grupos escolares na Capital - 23

Grupos escolares no Interior - 46

Escolas reunidas na Capital - 10

Escolas isoladas na Capital - 12

Esfolas reunidas no interior - 43

Escolas isoladas no interior - 2018

Jardins de infância na Capital - 9

Estes estabelecimentos destinam-se ao ensino básico primário.

Além destes, mantém o Governo do Estado:

O Colégio Gentil Bittencourt,

O Orfanato Antonio Lemos, ambos mantendo o curso primário além de variados cursos domésticos destinados à órgãos do sexo feminino.

O Instituto Lauro Sodré, para órgãos do sexo masculino, com o curso primário completo e diferentes cursos profissionais, possuindo variadas oficinas.

Estes três estabelecimentos, custam ao Governo, para a sua manutenção, cerca de vinte milhões de cruzeiros, anualmente.

Para o ensino especial, com diferentes cursos, de música, canto, piano e violino mantém o Governo do Estado o Conservatório Carlos Gomes, cuja matrícula é superior a 600, anualmente.

Pelos convênios firmados com o Governo Federal mantém o Estado escolas rurais em muitos municípios do interior, com frequência apreciável.

O curso secundário é mantido pelo Governo do Estado no tradicional Colégio Estadual Paes de Carvalho, com a matrícula atual de 1316 alunos e regularmente fiscalizado.

O Instituto de Educação do Pará, no qual se tem diplomado milhares de professores, é mantido pelo Governo Paraense, possuindo atualmente matriculadas cerca de oitocentas meninas que pretendem após o curso pedagógico, diplomar-se em professor de ensino primário.

Até a poucos dias manteve, ainda, o Governo do Pará sob suas custas, a Faculdade de Odontologia e a Escola de Engenharia, ambas tradicionais e que ante a criação da Universidade do Pará, deixaram o âmbito estadual para passarem ao regime federal.

Todos estes números demonstram à sociedade, o desejo, o interesse, a operosidade do Governo Paraense, pela causa da educação, já que repousa o seu programa exatamente na grande causa brasileira, aquela que necessita realmente dos mais sólidos alicerces para a construção da grandeza e do progresso do país.

Novas escolas foram criadas, e outras virão aumentar o número, pois que a população escolar cresce e se multiplica exigindo mais esforços, mais trabalho, mais professores, e mais casas de ensino.

Destarte, ante problemas a solucionar, um existe da maior relevância, qual seja o de atender as diferentes regiões de nosso Estado, nem sempre servidas pelas facilidades do transporte e todas elas, sob condições especiais econômicas, que criam para essas regiões problemas novos.

Assim, é comum em determinadas zonas, não possuírem as mesmas os estabelecimentos de ensino desde as escolas primárias, necessários à educação dos seus filhos, obrigando-os muitas vezes por dificuldades de toda ordem a abandonar os estudos e até mesmo a não os iniciar, já que as distâncias não permitem chegar à escola mais próxima.

Considerando o valor deste problema, foi que o atual Governante, ao iniciar o seu primeiro Governo no Pará, logo após a vitória da Revolução de 30, tornou realidade a penetração do interior levando a instrução a todos os recantos, por longínquos que fossem criando escolas em número admirável e que deram daquela (maneira) data aos nossos dias, frutos ótimos e numerosos.

A ideia magnífica, hoje preconizada por sociólogos da mais alta estirpe como Gilberto Freire, de "rurbanizar" os trechos do território brasileiro, isto é, de tornar as zonas rurais em igualdade de condições às zonas urbanas, de molde a que não se verificassem o êxodo das populações rurais para as zonas urbanas, das cidades do interior para as capitais, foi aplicada no Estado do Pará, pelo atual Governante, certo estava, que por essa prática, através de desvelada assistência, não somente no setor educacional, como nos demais setores através dos quais fomentava a produção, estava o General Magalhães Barata, argamassando novas bases de vida para as zonas rurais e fortalecendo ao mesmo tempo a solução do problema de fixação do homem à zona que lhe serviu de berço.

Daí porque foram criadas, no setor educacional, as Escolas Normais Rurais, dando oportunidade à juventude de poder aprender na sua cidade, o que lhe seria impossível obter, pelos motivos a que nos referimos, em outras distantes.

Deve-se, pois, ao General Magalhães Barata, essa brilhante e feliz iniciativa, cujos resultados vêm sendo apreciáveis, onde quer que se encontre uma dessas Escolas, muitas delas funcionando por outorga de mandato, quando extraoficiais.

Como se está verificando, a amplitude e a profundidade dos problemas, atestam a opulenta vitalidade do setor educacional no Pará.

Não somente no plano oficial, mas, igualmente, no plano particular, este setor se estende de maneira notável.

Na capital e no interior, através de 58 municípios paraenses o ensino particular possui uma cadeia imensa de colégios de níveis diferentes, proporcionando às populações novos elementos de incentivo à cultura.

Apenas e lamentavelmente, é que o ensino particular em grande maioria, é inacessível às classes médias e proletárias, eis que as taxas e contribuições, não estão ao alcance dessas classes.

A industrialização do ensino, matematicamente planejada e executada, proporciona hoje, lucros certos aos detentores de ações de sociedades ligadas ao ensino, sendo até mesmo um dos negócios lucrativos, de preferência de alguns que veem nessa operação um modo garantido de aplicação de recursos.

Se por um lado, pela maior oportunidade que oferece de ministrar o ensino essas organizações permitem acudir ao número daqueles que procuram estudar, por outro, essas mesmas organizações são acessíveis apenas aos possuidores de recursos, forçando as classes menos favorecidas, em verdade as mais numerosas, a recorrer às vagas nos colégios públicos do Estado, forçando estes a um aumento de matrículas nem sempre dentro da capacidade dos mesmos. É uma observação que não pode ser contestada, e de âmbito nacional.

Em nosso Estado este fato é real e indiscutível.

Argumentam os interessados que pior seria se não existissem os colégios particulares, porque os Governos caberiam todas as obrigações.

Respondemos: Melhor seria que fossem mais equitativos, dividindo as obrigações, eis que, se somente ao Governo coubessem as responsabilidades, ao povo caberia maior quota de impostos, pois das rendas se originam os recursos para os serviços de ação pública, e o povo seria o mais sacrificado.

Menos lucro e mais amor ao próximo resolveria, a nosso ver, a situação em que se encontram muitas crianças que, não podendo conseguir vagas nos colégios superlotados do Governo não podem estudar porque as taxas e exigências dos colégios particulares, não lhes permite frequentá-los.

Esta dolorosa verdade, que um dia como não sabemos ainda, há de ter um fim mais feliz.

Desejando fazer uma prova do vulto atingido pelo movimento escolar a cargo do Governo do Estado do Pará, basta observar estas cifras em 1957, cujos dados estatísticos figuram em nossos arquivos e ainda nos arquivos do I.B.G.E.

Alunos matriculados nos diferentes estabelecimentos de ensino primário fundamental comum do Estado:

Masculinos - 41.818
Femininos - 41.371
Total: 83.089

Idem, no Particular:
Masculinos - 11.100
Femininos - 10.122
Total: 21.222

Idem, no Municipal:
Masculinos - 7.442
Femininos - 8.664
Total: 16.102

Corpo Docente em atividade, segundo a estatística do I.B.G.E., em 1957

Curso Primário

Com regência de Classes no Estado:
Normalistas - 656
Não Normalistas - 1.618

Total: 2.274

Idem, no ensino Particular:
Normalistas - 122
Não Normalistas - 567
Total: 689

Idem, no Municipal:
Normalistas - 196
Não Normalistas - 330
Total: 526

Este o argumento dos números. Meditem e vejam se há razão ou não nestas palavras. O que vos posso assegurar é que no ano de 1958 em curso, os números aumentaram, cabendo ao Estado do Pará, maior soma para acudir as reais necessidades, pois o quadro atual necessita de maior número de regentes ante o número da matrícula evidentemente aumentado, pelas razões expostas acima. É problema que o Governo está enfrentando com galhardia, eficiência e patriotismo, esperando merecer a compreensão e a justiça daqueles que desejam, em verdade ver o nosso Estado dentro das normas traçadas que o levarão a maiores destinos.

*****

Para complemento do quadro que retrata o setor educacional, abordaremos, agora, o problema ligado ao analfabetismo, cuja curva parece querer aumentar apesar dos esforços ingentes da Campanha Nacional de Educação de Adultos, inegavelmente uma cruzada objetiva e de sentido nacional, em todos os quadrantes do país, onde vem sendo realizada.

Nenhuma chaga poderá corroer mais uma nação do que esta de possuir nível elevado de elementos analfabetos, consequentemente, de homens incapazes e nulos para o seu desenvolvimento, para o seu progresso.

Tanto mais, quando temos de pensar na dura verdade de que no Brasil, malgrado todos os esforços dispendidos, as estatísticas apresentam a porcentagem de analfabetos no Brasil como das mais elevadas do mundo, pois por incrível que pareça, essa porcentagem atinge a 56,6% ou seja, a metade da população adulta que não sabe ler ou escrever.

Estes dados lamentáveis, de uma situação ainda lamentável é a realidade brasileira no setor educacional, eis que a parcela é imensa de patrícios ainda mergulhados na completa escuridão do espírito.

E quem nos afirma esta dramática situação são os relatórios da UNESCO onde se fazem os estudos sobre a situação do Brasil em confronto com os demais países do mundo.

Trata-se, pois, de um problema que necessita ser equacionado para uma solução mais rápida, de molde a permitir que no mais curto prazo, esteja o nosso país em melhor nível de cultura e dentro dos planos formulados pela Organização das Nações Unidas para questões educacionais, científicas e culturais, que preveem para 1967, condições capazes de proporcionar educação a todos os jovens em idade escolar, em todos os países da América Latina.

O fato é que possuímos analfabetos, e que o número deles é grande, assustador e tende a aumentar.

Mais de um fato grave, é problema nacional. Sobretudo problema de extensão e de profundidade, exigindo remédios e medidas drásticas, aplicadas com eficiência e segurança.

Deste modo o problema de alfabetização se antepõe ao do analfabetismo como antídoto, de possibilidades animadoras e até mesmo surpreendentes. É necessário, entretanto, estudá-lo nos mínimos detalhes, dentro de condições peculiares de cada região, uma vez que estas variam no extenso e grandioso território brasileiro. Cada qual com suas peculiaridades, com seus motivos ligados ao conjunto da vida de cada região, e mui especialmente vida econômico-financeira da região em particular, e do país na sua generalidade.

Estudos e pesquisas têm demonstrado fatores muito interessantes e que merecem ser olhados com a maior atenção, face à solução do problema de alfabetização quer seja da região ou até mesmo da nação.

As estatísticas revelam curiosidades dignas de apreciação e capazes de indicarem um caminho mais certo para o êxito esperado. É comum apurar-se que nem sempre os analfabetos são filhos do lugar onde vivem. Por vezes, a maioria é originária de regiões pobres, onde nada puderam conseguir, emigrando para outras regiões à procura de melhores dias. Isso demonstra, efetivamente, o caráter do problema, evidentemente transformado em questão nacional do problema de alfabetização dos brasileiros, exigindo que todos sejam igualmente alfabetizados, sem distinção, e qualquer que seja a procedência, pois só assim poderá ser a chaga erradicada do país.

No Pará o mal é comum aos demais Estados.

Vários fatores de ordem econômico-financeira, geográfica, comercial, além de outros ponderáveis, têm contribuído para a existência do mal.

Estudos sobre as regiões de nosso Estado apontam quais aonde, pelas suas situações peculiares, entre estas a geográfica, existe analfabetos em maior número.

A imensa extensão territorial, zonas de menor produção agropecuária, navegação difícil e rara, algumas submissas às calamidades promovidas pelas enchentes periódicas nos grandes rios- Amazonas e Tocantins - as de pouca densidade demográfica, as da periferia com difícil comunicação com o centro, todos estes fatores contribuem fortemente para que, ao lado dos de ordem econômico-financeira, o analfabetismo domine certas zonas, mais que em outras.

No Pará, como tivemos ocasião de afirmar anteriormente, este problema foi encarado com o maior carinho, cabendo ao General Barata, ainda, o pioneirismo do combate sem tréguas ao analfabetismo.

Não há nesta afirmativa senão o culto à verdade, pois a ele deve o Estado a criação do Curso Supletivo estadual destinado à alfabetização de adultos e adolescentes.

Foi o atual Governante quem, ao assumir pela segunda vez a direção dos públicos negócios do Estado do Pará, em 19 de fevereiro de 1943, criou por ato oficial, as escolas supletivas de Alfabetização de Adultos, fazendo consignar nos orçamentos verbas especialmente destinadas ao custeio dos cursos.

Desde aquela data até aos nossos dias, jamais foi interrompida a obra iniciada, produzindo excelentes resultados como se poderá constatar no quadro a seguir, elaborado pelo Serviço de Orientação do Ensino e Pesquisas Educacionais, órgão técnico da

Secretaria de Estado de Educação e Cultura e organizado com dados existentes nos nossos arquivos:

Resumo do resultado obtido pelas turmas de 1ª série atrasada, a 2ª adiantada, nos exames finais realizados em novembro de 1957 - curso supletivo

ESTABELECIMENTO	Nº DE TURMAS	MATRICULADOS	ELIMINADOS	EXISTENTES	AUSENTES	PRESENTES	APROVADOS	REPROVADOS	PERCENTAGEM
1. 11 de fevereiro	4	52	5	47	10	37	37	-	100%
2- Rui Barbosa	4	100	30	70	20	50	45	5	90%
3- Profª Anésia	6	192	54	138	9	129	113	16	87%
4- B. do Rio Branco	7	329	101	228	22	206	155	51	75%
5- Vilhena Alves	10	412	136	276	38	238	166	72	69%
6- Floriano Peixoto	5	177	28	149	24	125	67	58	53%
TOTAL	36	1262	344	908	123	785	583	202	79%

Mapa demonstrativo do Movimento do Ensino Supletivo (escolas noturnas) do estado, nos últimos 11 anos letivos

PERÍODO LETIVO	MATRÍCULA	TURMAS	PERCENTAGEM DE APROVAÇÃO	Nº DE REGENTES
1948	639	15	71%	15
1949	701	15	80%	15
1950	789	20	85%	20
1951	1020	25	82%	25
1952	1560	40	81%	40
1953	1116	39	76%	39
1954	1719	54	70%	54
1955	1520	38	80%	38
1956	1613	47	76%	47
1957	1262	36	79%	36
1958	1722	32	-	32
TOTAL	13661	361	-	361

Matrícula e número de turmas de estabelecimentos de ensino da capital (Ensino Supletivo) no ano de 1956

1956			
	ESTABELECIMENTOS	Nº DE TURMAS	MATRÍCULA
1-	Pinto Marques	4	90
2-	Rui Barbosa	4	84
3-	G.E. Verissimo	4	174
4-	G.E. Vilhena Alves	10	407
5-	G.E. Barão do Rio Branco	2	212
6-	G.E. Dr. Freitas	4	248
7-	G.E. de Icoaraci	4	110
8-	Escola Pedreirinha do Guamá	4	93
9-	Escola N. S. do Perpétuo Socorro	2	95
10-	Escola de Tenoné	2	29
11-	Escola 11 de Fevereiro	4	40
12-	E. da Força Policial do Estado	1	31
	Total	47	1616

Mapa geral demonstrativo do resultado total obtido pelos estabelecimentos de ensino da capital, curso supletivo, nas provas de promoção e conclusão de curso, realizadas em novembro de 1953

ESTABELECIMENTO DE ENSINO		ALUNOS				RESULTADO DO EXAME				
		Nº DE TURMAS	MATRICULADOS	ELIMINADOS	EXISTENTES	AUSENTES	PRESENTES	APROVADOS	REPROVADOS	PERCENTAGEM
1-	Icoaraci	4	98	20	78	66	12	65	1	98%
2-	Liberato de Castro	4	84	34	50	41	9	39	2	95%
3-	Rui Barbosa	4	54	3	51	39	12	37	2	94%
4-	Barão do Rio Branco	5	137	51	86	71	15	63	8	88%
5-	Pinto Marques	2	37	-	37	20	20	24	3	88%
6-	Travessa Mercedes, 142	3	37	-	37	26	11	21	5	80%
7-	José Veríssimo	5	184	54	130	106	24	76	30	71%
8-	Franklin Roosevelt	2	80	21	59	47	12	33	14	70%
9-	Vilhena Alves	5	220	75	145	130	15	80	50	61%
10-	Dr. Freitas	5	185	69	116	92	24	56	36	60%
TOTAL		39	1116	327	789	645	144	494	151	76%

Mapa geral demonstrativo do resultado total obtido pelos estabelecimentos de ensino da capital (Ensino Supletivo) nas provas de promoção e conclusão de curso, realizadas em novembro de 1952

ESTABELECIMENTO DE ENSINO		ALUNOS				RESULTADO DO EXAME				
		Nº DE TURMAS	MATRICULADOS	ELIMINADOS	EXISTENTES	AUSENTES	PRESENTES	APROVADOS	REPROVADOS	PERCENTAGEM
1-	G.E. Barão do Rio Branco	6	220	40	180	45	135	131	4	97%
2-	G.E. Rui Barbosa	4	86	22	64	19	45	40	5	86%
3-	G.E. Dr. Freitas	6	251	64	187	27	96	77	19	80%
4-	G.E. José Veríssimo	10	329	108	221	61	160	126	34	78%
5-	G.E. Vilhena Alves	10	550	185	365	77	288	223	65	77%
6-	G.E. de Icoaraci	4	124	38	86	29	57	42	15	73%
TOTAL		40	1560	457	1103	258	781	639	142	81%

Mapa demonstrativo do resultado obtido pelo curso supletivo do estado, nas provas finais do corrente ano letivo

1950					
MATRICULADOS	**PRESENTES**	**AUSENTES**	**APROVADOS**	**REPROVADOS**	**PERCENTAGEM**
789	**508**	**181**	**435**	**73**	**85%**

Resultado da prova de promoção e término de curso supletivo nos estabelecimentos públicos da capital

PRESENTES	AUSENTES	APROVADOS	REPROVADOS	PERCENTAGEM
639	197	589	50	92%

De 1943 a 1947, não encontramos nos arquivos desta Secretaria elementos para completar o quadro.

Devemos esclarecer que para a regência dos cursos do ensino supletivo estadual, destinada aos analfabetos adultos e adolescentes, são designadas normalistas com O curso pedagógico, que além dos seus vencimentos normais, fixados pelas leis em vigor e constante da lei dos meios, vencem a gratificação de 400 cruzeiros, cada normalista.

Os cursos são ministrados de segundas às sextas-feiras das 19 às 21 horas, diariamente e durante ambos os períodos letivos de cada ano, instalados sempre em grupos escolares.

Este programa vem sendo executado desde 1943 a esta data, sob a supervisão da S.O.P.E.

É como se vê, uma contribuição admirável e digna de apreço esta que o Estado do Pará, vem há anos oferecendo à Campanha Nacional de Alfabetização.

*****

Não menos valiosa e admirável vem sendo a Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, sob a direção e orientação do Departamento Nacional do Ensino, tendo à frente, a figura brilhante do Professor Hely Menegale, além de uma equipe de consagrados mestres do Magistério Nacional.

Ao assumir em 12 de junho de 1956, a direção da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, encontrei o ensino Supletivo Federal com alguns cursos instalados, mas cuja relação não foi encontrada nem fornecida pela encarregada desse setor, que se limitou a nos entregar, apenas, uma cópia do Relatório referente ao ano de 1955.

Do Secretário, que nos antecedeu, recebemos uma relação com uma documentação da quantia por Ele aplicada e o saldo existente, que recebemos. Fora destes documentos nada existe nos arquivos desta Secretaria que nos proporcione elementos para podermos fazer um histórico, uma análise, uma narrativa que possa demonstrar o que foram os serviços realizados antes da nossa gestão, como solicitou a direção da Campanha.

Diante destes fatos telegrafamos a cada Presidente de Conselho Escolar nos Municípios Paraenses, solicitando nos fosse informado o seguinte: Quantas escolas de ensino supletivo federal estavam funcionando no município, declinando nome, localidade e relação nominal dos professores de cada uma delas.

As informações foram quase todas imprecisas, incompletas e muitas não chegaram.

Assim, deliberamos suspender imediatamente o funcionamento das que estivessem em atividade para, a seguir reorganizar com novas designações.

E foi o que fizemos. Duzentas e quarenta Portarias foram baixadas, designando Professores para igual número de cursos nos diferentes municípios e cujos nomes e datas figuram em lista anexa a este trabalho.

Decorridos os serviços, a S.O.P.E., que superintendeu os trabalhos ajuntava a essa relação, a que continha o nome das professoras que realmente haviam desempenhado a sua missão em número de 155, pois 87 haviam desistido do exercício das funções, sendo canceladas as suas designações, e pagos aos que trabalharam as gratificações correspondentes, na base de Cr$ 350,00 por mês de serviços prestados. A documentação referente foi entregue por esta Secretaria à Secção competente do D.N.E. para a necessária apuração.

Em 1957, somente 33 cursos foram realizados, dos 120 distribuídos pelos diferentes municípios.

Observamos, em primeiro lugar, a dificuldade de designar em certas zonas professoras que tivessem, pelo menos, o curso primário, como uma das exigências previstas

no acordo. Em segundo, apesar de ter sido melhorada a gratificação não se mostravam interessadas em servir em locais aonde deveriam instalar e ministrar os cursos.

Em terceiro, as enchentes periódicas e calamitosas do Rio Amazonas e do Rio Tocantins, cujas zonas foram ao fundo por longo tempo, criaram novas dificuldades, não somente para o supletivo como para o ensino comum primeiro nas cidades submersas.

As exigências feitas às professoras para preenchimento de boletins, matrículas e tudo que se relaciona ao ensino supletivo inclusive para pagamento das gratificações, provocou muito desinteresse dos professores e obriga-nos a determinadas cautelas, pois, a qualquer falha no preenchimento desses formulários implica no invalidamento, dando-nos trabalhos exaustivos e colocando-nos com a responsabilidade do valor pago, nesses casos.

Uma professora que, residindo em lugar longínquo, com dificuldade de transporte e de comunicação em lugarejos onde não existe correio nem telégrafo nos envia os boletins, mapas e recibos incompletos, ou mal feitos, errados mesmos, fica sem poder receber a gratificação a que fez jus porque está irregular a documentação, resultando desse fato uma série de dificuldades e aborrecimentos, visto que pela distância e porque Ela não soube preencher os documentos, o seu pagamento ou se faz e a Secretaria perde quando for apurado, ou não efetua e essa pobre professora se desgosta e desiste. Em última análise, esse pagamento fica protelado, causando recíprocos inconvenientes.

É a verdade exposta com franqueza. Muitos detalhes precisam ser revistos para conseguirmos num Estado como o nosso, de difícil acesso a certas regiões do interior, melhores resultados.

O elevado custo de vida e das utilidades associado à desvalorização crescente da moeda, estabeleceram certo desinteresse, no Interior do Estado, pelas funções de professor do ensino supletivo. Na maioria dos lugarejos há falta de luz, e isto é um fator importante para a escola, pois exigem, mestra e alunos, melhor luz para o ambiente. Acontece que o querosene geralmente usado é de preço escorchante, nessas localidades, além do candeeiro e seus apetrechos.

Tenho recebido comentários sobre esse fator, além de outros. Enfim, não nos parece fácil uma campanha executada por elementos nem sempre possuídos de espírito de colaboração e de solidariedade humana, para não falarmos de patriotismo. Raras vezes acontece. Falta mentalidade para certos elementos no interior, onde quase sempre a vida é difícil e o caboclo um decepcionado.

Devo informar para melhor esclarecimento que até mesmo nas escolas isoladas, públicas do Estado, a maioria, a grande maioria, aliás, são regidas por leigas, isto é, professoras que só possuem o curso primário. As normalistas que vivem no interior, em número reduzido só se mantém nas funções quando questões de ordem particular as detêm. As normalistas nunca pedem nomeações para o interior, preferindo sempre permanecer na capital ou cidades próximas desta.

Desse modo, a mentalidade para uma Campanha nos moldes da que estamos analisando se ressente no interior por falta de melhor compreensão, daquelas cujo nível cultural, não lhes permite melhor raciocínio,

Há, ainda, o fator fiscalização que apesar de ser feito não satisfaz. As distâncias enormes, pelos rios ou estradas não permitem uma fiscalização regular. Imagine-se, que muitas das escolas estão encravadas nos lugares para os quais os caminhos são difíceis e de grande percurso.

São estas as observações que achamos oportuno manifestar num trabalho que tem por objetivo mostrar nua e crua a situação de um problema sério, que necessita ser equacionado com acerto para feliz solução.

Estas palavras não tem sabor de crítica, mas, da narrativa, da descrição e, mais do que tudo, de sincero e ardente desejo de colaborar tanto quanto possível permitam as nossas forças, para o êxito completo desta cruzada que se está realizando no Brasil, como capaz de redimi-lo dos males do analfabetismo e das inconsequências daqueles que pela ignorância pecam inconscientemente contra a grandeza e a prosperidade da Pátria.

Possamos, pois, com o nosso esforço, com o nosso desprendimento e com o nosso amor à Pátria, fazê-la digna entre as mais dignas do mundo.

O Pará e os seus filhos estarão na vanguarda para tudo que puder elevar e engrandecer o Brasil.